



**Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFH
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**

**PARTINDO DE SI:
O ENCONTRO CONSIGO E COM O OUTRO
NO CONTEXTO ESCOLAR**

Relatório parcial de Estágio Pós-Doutoral
(01/07/2014 - 30/11/2014)
submetido ao Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social da Universidade
Federal de Santa Catarina
Dra. Marisa Naspolini - Bolsista CAPES-PNPD
Supervisora:
Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi

Florianópolis, novembro de 2014

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
2. ATIVIDADES REALIZADAS	4
3. DISCIPLINA MINISTRADA COM RESPECTIVO PROGRAMA	9
4. TEXTOS PUBLICADOS	13
5. ANEXOS	26

1. INTRODUÇÃO

Este projeto está inserido no âmbito da pesquisa coordenada pela Prof^ª. Dra. Miriam Pillar Grossi intitulada “Antropologia, Gênero e Educação” (PNPD Institucional CAPES). Minha proposta de intervenção está calcada na proposição de reflexões e práticas que conjuguem experiências relacionadas ao universo das artes, particularmente do teatro e da dança, eventualmente do cinema e da música. Em sua primeira etapa, ocorrida entre julho e novembro de 2014, minha atuação esteve fundamentalmente ligada às atividades do projeto “Papo Sério”, desenvolvido pelo NIGS - Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividade da UFSC, que integra o projeto PRONEM FAPESC “Antropologia, Gênero e Educação: políticas públicas de respeito à diversidade em escolas públicas de Santa Catarina”. Dentro deste âmbito, além de coordenar e ministrar diversas oficinas e organizar e participar de eventos acadêmicos, propus e organizei duas intervenções de caráter artístico que promoveram um diálogo profícuo entre o campo de estudos de gênero e o campo de estudos teatrais/estudos da performance.

Em 2015, as atividades junto ao Papo Sério deverão continuar, mas também mantereirei um grupo de estudos com foco nas relações entre corpo, gênero e performance, de forma a estabelecer vínculos entre o trabalho desenvolvido pelas oficinas junto a estudantes do ensino médio e as contribuições do campo do teatro e do movimento expressivo na criação de perspectivas voltadas para o rompimento de fronteiras e o respeito à diversidade. O estabelecimento de relações entre o campo das artes e da antropologia já estão presentes em algumas atividades desenvolvidas este ano durante o estágio pós-doutoral.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Atividades de Ensino e Formação:

1 – Coordenou as oficinas Papo Sério, sobre temas variados ligados a Gênero e Diversidade, em 4 escolas públicas de Florianópolis, num total de 29 oficinas ao longo do semestre, com 90 minutos de duração cada (2610 horas).

2 – Ministrou três oficinas sobre o tema “Masculinidades” no Colégio de Aplicação, num total de 4,5 horas, para alunos do Ensino Médio.

3 - Ministrou uma oficina sobre o tema “Homo-lesbo-transfobia” para o Ensino Fundamental e uma oficina sobre o tema “Masculinidades” para o Ensino Médio, na Escola de Educação Básica Cel. Antônio Lehmkuhl, em Águas Mornas, num total de 3 horas.

3 - Ministrou quatro oficinas sobre o tema “Violência contra as mulheres” para o Ensino Médio, na Escola de Educação Básica Cecília Rosa Lopes, em Forquilha, num total de 6 horas.

4 – Ministrou duas oficinas sobre o tema “Violência contra as mulheres” para o Ensino Médio, na Escola de Educação Básica Wanderley Júnior, em São José, Bairro Ipiranga, num total de 3 horas.

5 - Ministrou a oficina “Corpo em movimento”, como parte integrante do Seminário Arte do Campo: Perspectivas Políticas e Desafios, realizado entre os dias 20 e 23 de agosto de 2014, no Centro de Artes da UDESC, no Campus Itacorubi, num total de 4 horas.

6 – Ministrou duas aulas na disciplina Tópicos Especiais em Sexualidade, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, na unidade IV, sobre Gênero e Artes Cênicas, num total de 8 horas. A disciplina foi coordenada pelas professoras Luciana Patrícia Zucco, Miriam Pillar Grossi e Teresa Kleba Lisboa.

Organização de eventos:

1 – Organização de oficina sobre gênero junto a dirigentes sindicais do Sinergia (Sindicato de Eletricitários de Florianópolis) em outubro de 2014. Total de 2,5 horas.

2 – Organização da participação do NIGS na III Semana pela Vida: Sexualidade no Colégio de Aplicação, de 10 a 14 de novembro, durante a qual foram realizadas três oficinas e uma mesa-redonda sobre Gênero, Sexualidade e Juventude.

3 - Organização de uma série de ações integrantes da programação dos 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres, que em 2014 teve como tema “Conheça e faça valer seus direitos”. As ações consistiram em 8 debates realizados junto a estudantes do Ensino Médio e do EJA, após a apresentação do espetáculo “Boneca de Pano”, do Coletivo Teatral Feminista (Em) Companhia de Mulheres, no Teatro do SESC Prainha.

3 – Apresentação do espetáculo “Verbi, o idioma do caos”, seguido de debate com integrantes do NIGS e alunos da disciplina “Tópicos especiais em Sexualidade”, ministrada no PPGICH. Em 20 de novembro de 2014, no Baobah Novas Formas de Inteligência.

Publicações:

Livros

1. NASPOLINI, Marisa. Somos todos parte da mesma couve. Florianópolis: Ed. Letras Contemporâneas, 2014.

Artigos publicados em revistas científicas

1. NASPOLINI, Marisa. Vértice Brasil: uma experiência de colaboração em movimento. In: *Ilinx*. Revista do LUME, Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais – UNICAMP. Campinas: n. 5, 2014. Disponível em: <http://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/303/269>

Outra produção bibliográfica

1. NASPOLINI, Marisa. Entre mundos e sujeitos: experiências de colaboração e troca no Vértice Brasil. *Subtrópicos*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2014.
2. NASPOLINI, Marisa. *Com o coração fora do peito*. Crítica teatral sobre o espetáculo Nina, o monstro e o coração perdido. Florianópolis: Diário Catarinense. Anexo, p. 4. 21/10/2014.

Produção Técnica:

1. Participação na Jornada do IEG em 16 de julho, das 14h às 18h, na ASSEFAZ, na Lagoa da Conceição.
2. Realização de 7 apresentações do espetáculo “Convite ao olhar” junto a escolas públicas de ensino fundamental e médio da região oeste de Santa Catarina, em agosto de 2014. Trata-se de um espetáculo de dança que envolve 10 bailarinos, sendo 6 deles “considerados com deficiência”.
3. Apresentação do espetáculo “Convite ao olhar” no Congresso sobre Educação Inclusiva realizado pelo Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Específicas/NAPNE em agosto de 2014.
4. Participação no Seminário e Oficina “Cinemorphics”, ministrado por Charles Webb, criador da metodologia Cinemorphics, que se refere ao “processo e à arte de mudança, transformação, transmutação do constructo conhecido como ego, persona, self, etc. utilizando métodos e técnicas de interpretação teatral e cinematográfica”, em setembro de 2014, num total de 60 horas.
5. Preparação do projeto Projeto Papo Sério: Gênero, Antropologia e Educação, encaminhado ao edital Pró-Social 2014.
6. Participação na comissão que discutiu e elaborou parecer sobre o Plano Estadual de Educação de Santa Catarina, para o decênio 2015 a 2024 (PEE/SC 2015-2024), em outubro de 2014.
7. Participação no estande do IEG na SEPEX (Semana de Pesquisa e Extensão Universitária), conduzindo jogos sobre gênero e diversidade junto aos visitantes da feira, em outubro de 2014.
8. Participação no Transday, evento sobre transexualidade organizado pelo NIGS, que ocorreu nos dias 22 e 23 de outubro de 2014.

9. Participação na Jornada NIGS sobre Eleições, Gênero, Sexualidades e Políticas Públicas, em 24 de outubro de 2014, num total de 4 horas.
10. Direção do espetáculo “Verbi, o idioma do caos”, que estreou em outubro de 2014, e realização de 6 apresentações.

Conferências, palestras e/ou mesas-redondas:

1. Participação na mesa-redonda “Violência, gênero e performance”, realizada em 25 de junho de 2014, das 15h às 17h, como parte do evento Semana Performática: olhares sobre a violência, no Centro de Artes da UDESC.
2. Participação na mesa-redonda “Encuentros de Mujeres Creadoras”, dentro da programação do XI Encuentro Internacional de Mujeres en Escena – Tiempos de Magdalena, cujo tema foi Periferias: Escena, Soledad y Rebeldía, em Quito, Equador, entre os dias 1 e 12 de outubro de 2014.
3. Participação como debatedora do IV Seminário de Pesquisa em Artes Cênicas: procedimentos e dilemas do trabalho acadêmico, realizado no Centro de Artes da UDESC, entre 12 e 14 de novembro de 2014.

3. DISCIPLINA MINISTRADA COM RESPECTIVO PROGRAMA

Segue abaixo o programa da disciplina Tópicos Especiais em Sexualidade, na qual ministrei duas aulas na unidade V, sobre Gênero e Artes Cênicas.

PROGRAMA DE DISCIPLINA

1. IDENTIFICAÇÃO:

Disciplina: Tópicos Especiais em Sexualidade

Código: ICH5 51058 Semestre 2014.2

Carga Horária: 4 h aula semanais (60h)

3ª feiras – 09:00

Professoras (coordenadoras): Luciana Patrícia Zucco, Miriam Pillar Grossi e Teresa Kleba Lisboa,

2. EMENTA: aprofundamento de teorias feministas e de gênero, a partir de temas contemporâneos, com ênfase nas linhas de pesquisa desenvolvidas na área de Estudos de Gênero do DICH, em particular a discussão de sexualidades e interseccionalidade.

3. OBJETIVO: fornecer subsídios para compreensão de uma visão geral dos estudos feministas e de gênero na contemporaneidade, em particular a discussão sobre sexualidades e interseccionalidade.

4. PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

O curso será composto de diferentes módulos presenciais, nas terças feiras das 9:00 às 13:00, e da participação em eventos (como o *Transday* e outros), colóquios e palestras, com horários diversificados, previamente agendados. Um módulo será ministrado pelo Prof. Visitante Rafael Cacere, que trabalhará a temática da “Educação e Sexualidade.

5. AVALIAÇÃO

Para fins de presença serão computadas no mínimo nove (9) aulas (módulos) do curso. A avaliação será contínua ao longo de todo o semestre. Para isto serão considerados:

- a) pontualidade, assiduidade e participação ativa em sala de aula;
- b) elaboração de um Artigo (Ensaio), entre 10 a 15 páginas, articulando principalmente os conteúdos sobre Gênero e Sexualidade. Caso seja possível, fazer a interlocução da discussão do artigo com seu objeto de estudo. O trabalho deverá ser entregue até 15 de janeiro de 2014.

6. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Introdução

12/08 - Apresentação do programa e do sistema de avaliação

Unidade I: Gênero, Sexualidade e Educação

12/08 (terça feira das 9:00 às 13:00 horas) – **Aula 1. Tema: Sexualidades y Ciéncias Sociales.** Curso com Prof. Rafael Caceres (Prof. visitante pelo CNPq/FAPESC - da Universidade Pablo Olavides, Espanha).

1. El interés de la Ciencias Sociales por la sexualidad.
2. Antropología de la Sexualidad.
3. Esencialismo/ constructivismo.

Bibliografia: em anexo

19/08 (terça feira das 9:00 às 13:00 horas) – **Aula 2. Tema: Gênero e Direitos Sexuais e Reprodutivos** – Profa. Luciana Zucco (neste dia o Prof Rafael estará em outra Universidade no interior do Estado).

Bibliografia:

ÁVILA, M.B. Direitos sexuais e reprodutivos: desafios para as políticas de saúde. Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro, 19(Sup.2), 2003, p. 465-469. [scielo].

OLIVEIRA, G.C. de. Parte I - Duas décadas de luta feminista anti-racista pelos direitos sexuais e reprodutivos. In: Campos, C.H. e Oliveira, G.C. de. (orgs.). Saúde Reprodutiva das Mulheres – direitos, políticas públicas e desafios. Brasília: CFEMEA: IWHC, Fundação H.Boll, Fundação Ford, 2009, p. 11-38.

26/08 (terça feira das 9:00 às 13:00 horas) – **Aula 3. Tema: Cuerpos, Géneros y Sexualidades.** Curso com Prof. Rafael Caceres (Prof. visitante pelo CNPq/FAPESC - da Universidade Pablo Olavides, Espanha).

1. El dimorfismo sexual: Intersexualidad y transexualidad.
2. Género y sexualidad.
3. Tercer género/ tercer sexo.

02/09 (terça feira das 9:00 às 13:00 horas) - **Aula 4. Tema: Diversidad Sexual y Globalización.** Curso com Prof. Rafael Caceres (Prof. visitante pelo CNPq/FAPESC - da Universidade Pablo Olavides, Espanha).

1. ¿Qué es la diversidad sexual?
2. Globalización : ¿Homogeneización de las sexualidades?
3. Globalización de la homosexualidad.

04/09 (quinta feira das 9:00 às 13:00 horas) – Aula 5. Tema: Turismo Sexual. Curso com Prof. Rafael Caceres (Prof. visitante pelo CNPq/FAPESC da Universidade Pablo Olavides, Espanha).

1. ¿Prostitución o turismo sexual?
2. Turismo sexual, turismo romance, turismo de companhia.
3. “Raza”, etnicidad, género, clase social y turismo sexual.

16/09 (terça feira das 9:00 às 13:00 horas) – Aula 6. Tema: Rose Marie Muraro - Rememorando “uma mulher impossível”. Pos doutoranda Maize Zucco

Bibliografia:

Leitura obrigatória: MURARO, Rose Marie. Memórias de Uma Mulher Impossível. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2000. p. 165-240.
Leitura complementar: MURARO, Rose Marie. Os seis meses em que fui homem. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1990

Unidade II: Gênero e Pobreza

23/09 (terça feira das 9:00 às 13:00 horas) – Aula 7. Tema: Mulher e Pobreza - O Programa Bolsa Família: uma perspectiva de Gênero. Profas. Rosana Martinelli e Mara Lago.

Bibliografia:

CHANT, Silvia. “Rethinking the ‘feminization of Poverty’ in Relation to Aggregate Gendex Indices” In: **Journal of Human Development** . v. 7(2) : 201-220, 2006.

FREITAS, Rosana de Carvalho Martinelli “Programas de combate à pobreza: o poder das mulheres às avessas.”In: **Leituras de resistência: corpo, violência e poder**, edited by Tornquist, Carmen Susana and Clair Castilhos Coelho, Mara Coelho de Souza Lago and Teresa Kleba Lisboa. v. II, 439: 269-298. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.

FREITAS, Rosana de C. M.;LAGO, Mara. C. de S.; SILVA, Elizabeth F. Programa Bolsa Família em Florianópolis: velhas questões, outros olhares .In: **Serviço Social: Questões Contemporâneas**. Florianópolis: Editora UFSC, p. 75-104, 2012.

LAGO, M. C. de S.; SILVA, A. L. RAMOS, T.R. O. (org.) **Falas de Gênero: teorias, análises, leitura**. 1ª. Ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, n.º 16, 1990.

Unidade III: Violência Sexual

30/09 (terça feira das 9:00 às 13:00 horas) – **Aula 8. Tema: Violência de Gênero e Abuso Sexual.** Prof.a Teresa Kleba. Apresentação e discussão do Vídeo Documentário “Flor de Pessegueiro” e do “Protocolo de Atenção às Vítimas de Violência Sexual do Município de Florianópolis”.

Bibliografia:

VELÁZQUEZ, Susana. Violências cotidianas, violência de gênero – escuchar, compreender, ajudar. Buenos Aires, Editora Paidós, 2006. Capítulo 4 – “Violencia Sexual: el delito en el sexo” (p. 69 a 82) e Capítulo 5 – Violación Sexual: entre el mito y la experiencia (p. 83 a 104).

ARAÚJO, Maria de Fátima. Violência e abuso sexual na família. In: Psicologia em Estudo, Maringá, V.7 Nº 2 , p 3-11, jul/dez. 2002 disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n2/v7n2a02.pdf>

“Protocolo de Atenção às Vítimas de Violência Sexual do Município de Florianópolis” disponível integralmente em : <http://www.pmf.sc.gov.br/>

Unidade IV: Sexualidade e Diversidade Sexual

07/10 (terça feira das 9:00 às 13:00 horas) – **Aula 9. Tema: "Travesti: a invenção do feminino"** (apresentação da discussão do livro). Prof. Hélio Silva.

Bibliografia:

SILVA, Hélio. Travesti: a invenção do feminino. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, ISER, 1993.

14/10 (terça feira das 9:00 às 13:00 horas) – **Aula 10. Michel Foucault - Sexualidade em três tempos: da submissão à auto-constituição do sujeito.** Profª Luzinete Simões Minella.

Bibliografia:

FOUCAULT, Michel. O dispositivo da sexualidade. In: _____ **História da Sexualidade, Volume I. A Vontade de Saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 75-123. (www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/foucault.pdf)

FOUCAULT, Michel. Econômica. In: _____ **História da Sexualidade, Volume II. O uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 127-163.

(<http://pt.scribd.com/doc/36519493/Historia-da-Sexualidade-Vol-2-O-uso-dos-prazeres-Michel-Foucault>)

FOUCAULT, Michel. A mulher. In: _____ **História da Sexualidade Vol. III. O cuidado de si.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, pp. 152-186.

FOUCAULT, Michel. Os rapazes. In: _____ **História da Sexualidade Vol. III. O cuidado de si.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, pp. 187-228.

(<http://gambiarre.files.wordpress.com/2010/10/foucault-histc3b3ria-da-sexualidade-vol-iii-o-cuidado-de-si.pdf>)

23/10 (quinta feira das 9:00 às 13:00 horas) – **Aula 11 e 12. Seminário Trans Day 5** (equivalente a dois encontros de 4 horas/aula).

Unidade V: Gênero e Artes Cênicas

04/11 (terça feira das 9:00 às 13:00 horas) – **Aula 13. Tema: “Teatro Feminista, Teatro de Mulheres”**. Profas. Marisa Napolini e Daniela Novelli

Bibliografia:

ASTON, Elaine. *An introduction to feminism and theatre*. London and New York: Routledge, 1995.

BASSNETT, Susan. The politics of location. In: ASTON, Elaine; REINELT, Janelle. *The Cambridge companion to modern British women playwrights*. Cambridge: Cambridge University press, 2000.

Disponível em:

<http://universitypublishingonline.org/cambridge/companions/chapter.jsf?bid=CB09780511998973&cid=CBO9780511998973A013>

ROMANO, Lúcia. *De quem é esse corpo? A performatividade do feminino no teatro contemporâneo*. Tese de doutorado ECA/USP, São Paulo, 2009. 659p.

11/11 (terça feira das 9:00 às 13:00 horas) – **Aula 14. Tema: Modos de ver, modos de atuar: corpo e gênero na moda e na cena**. Profas. Marisa Napolini e Daniela Novelli

Bibliografia:

MARÍN, Paola. Violeta Luna: cartografías de la descolonización. In: *Paso de gato*. Ciudad de Mexico: Paso de Gato ediciones y producciones escénicas, Oct., nov., dic. 2010.

BOURDIEU, Pierre. Uma imagem ampliada. In: BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. (capítulo I)

MARRA, Claudio. *Nas sombras de um sonho: história e linguagens da fotografia de moda*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

18/11 (terça feira das 9:00 às 13:00 horas) – **Aula 15. Tema: Avaliação e encerramento da disciplina**.

4. TEXTOS PUBLICADOS

- 4.1 NASPOLINI, Marisa. Vértice Brasil: uma experiência de colaboração em movimento. In: *Ilinx*. Revista do LUME, Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais – UNICAMP. Campinas: Ed. UNICAMP, n. 5, 2014.

Vértice Brasil: uma experiência de colaboração em movimento

Resumo

Este artigo propõe um relato e uma reflexão sobre o percurso do Vértice Brasil – encontro e festival internacional de teatro feito por mulheres, realizado a cada dois anos em Florianópolis, como articulador de experiências colaborativas entre mulheres artistas em uma vertente brasileira da Rede Magdalena.

Palavras-chave

Mulheres, Projeto Magdalena, rede, Vértice Brasil.

Refletir sobre a produção cênica de mulheres na contemporaneidade, tema de uma das mesas do III Simpósio Internacional Reflexões da Cena Contemporânea, implica em definir o lugar de onde se fala – e em nome de quem se fala. A partir da minha experiência como fundadora e coordenadora do Vértice Brasil, juntamente com as atrizes-pesquisadoras Barbara Biscaro, Gláucia Grigolo¹ e Monica Siedler, proponho aqui um breve relato do percurso histórico do Vértice e sua relação com o Projeto Magdalena para pensar sobre o lugar e as contribuições desta rede na produção contemporânea.

¹ Como parte da programação do simpósio, no hall do Instituto de Artes, foram apresentados trechos de dois espetáculos solo: “A Menina Boba”, de Barbara Biscaro, e “Diário do Movimento do Mundo”, com Gláucia Grigolo, dirigido por Ana Woolf.

O projeto Vértice Brasil foi criado com a intenção de ser uma versão brasileira do Projeto Magdalena, uma rede dinâmica de mulheres de teatro e *performance*, de caráter multicultural, que surgiu como um espaço de discussão, troca e apoio mútuo visando gerar visibilidade ao trabalho artístico de mulheres, hoje presente em aproximadamente cinquenta países. Desde sua criação, em 1986, no País de Gales, o projeto esteve engajado em fomentar a consciência da contribuição da mulher para o teatro e em apoiar a exploração e a pesquisa através de uma oferta concreta de oportunidades de intercâmbio, agregando praticantes das artes da cena de várias partes do mundo, sejam companhias, artistas individuais ou acadêmicas, que encontram ali um espaço crítico de discussão e reconhecimento do seu trabalho.

Desde o início, o entrelaçamento com a perspectiva intercultural, através da troca e compartilhamento de práticas e metodologias em encontros, festivais e publicações que estimulam a experiência e a colaboração entre mulheres de diferentes culturas, está ligado a uma ocupação de territórios híbridos e fronteiriços na elaboração de linguagem. A exploração das fronteiras entre teatro, *performance*, dança, música e canto tem sido a tônica de intensos trabalhos colaborativos internacionais nas últimas duas décadas.

É importante localizar o contexto histórico de seu surgimento para obter uma melhor compreensão de suas particularidades e idiossincrasias. Em uma análise do teatro feito por mulheres no Reino Unido, Susan Bassnett situa o período entre o início dos anos 1970 e o final dos anos 1990 como uma época de mudança de ênfase no quadro geral do teatro feminista britânico. A produção, inicialmente focada em uma agenda socialista, ampliou o debate para a exploração de aspectos como gênero e sexualidade. Também a temática dos espetáculos estaria passando por transformações significativas: de temas ligados à maternidade, à exploração no trabalho e à igualdade de direitos, passou-se a investigações de cunho mais pessoal e a questões ligadas à identidade sexual (BASSNETT, 2000, p. 73).

No campo social, a década de 1980 é marcada pela ascensão e sedimentação dos estudos culturais e pós-colonialistas e, paralelamente, pela revisão de alguns conceitos decorrentes da segunda onda feminista, ligada ao

movimento de 1968, particularmente a falência de uma possível visão universalizante da mulher e a busca de um terceiro lugar no qual a mulher não fosse vista como um *outro* em relação ao masculino. O entendimento de que só é possível falar sobre “ser mulher” a partir de uma plataforma clara que identifique o “lugar de onde se fala” (incluindo as perspectivas de raça, gênero e classe) implica em uma necessidade de redefinição do uso de termos como teatro de mulheres, teatro feminino, teatro feminista.

A antropóloga Adriana Piscitelli ressalta que a confusão frequente entre *gênero* e *mulher* provoca um entendimento de que os *estudos sobre mulher* se contrapõem aos *estudos de gênero*. Isto só seria verdade em parte, uma vez que o conceito de gênero surgiu no marco dos estudos sobre mulheres e compartilhou vários de seus pressupostos (PISCITELLI, 2004). O uso do termo *mulher* implica na constituição de uma categoria *mulher*, de tendência universalizante e unívoca. Seria preciso, como propõe De Lauretis, passar de uma ideia de *mulher* como representação (enquanto imagem apreendida culturalmente) a *mulher* como experiência (mulher real como agente de mudança), superando qualquer possibilidade de essencialismo redutor (BRAIDOTTI, 2002a).

Nesse sentido, o termo mulheres não se referiria a uma “essência monolítica”, que, uma vez definida, valida todos os sujeitos da enunciação, mas a uma multiplicidade de experiências, complexas e contraditórias, com variações de raça, classe social, idade, estilo de vida, preferência sexual e opção estética (no caso específico de mulheres artistas) (BRAIDOTTI, 2002a, p. 13). Por outro lado, o termo gênero, que se apoia na distinção entre determinismo biológico e construção cultural e discute fundamentalmente as relações de poder entre os sexos, não se restringe ao estudo das mulheres². Piscitelli ainda atenta para a reformulação em curso da categoria *mulher*, trabalhando com uma noção que permita o reconhecimento das diferenças

² Uma das principais contribuições dos estudos de gênero é a relativização da pretensão de objetividade, neutralidade e universalidade do conhecimento e do discurso científico. Uma fala em nome de um “sujeito universal” é necessariamente substituída por uma posição “situada”, na qual o elocutor fala de um determinado contexto específico, considerando as condições de classe, raça, idade, sexo, etc.

entre mulheres. Não se trata, portanto, de falar em *mulheres*, mas em “*mulheres em contextos específicos*” (PISCITELLI, 2004, p. 59).

A americana Judith Butler é incisiva em sua crítica à utilização do termo *mulheres* enquanto categoria. Haveria nele a presunção de um sujeito estável e coerente, que supostamente serviria de base universal para o feminismo, como se fosse possível através dele a denotação de uma identidade comum ao ser mulher. Segundo ela, a “insistência sobre a coerência e unidade da categoria das mulheres rejeitou efetivamente a multiplicidade das intersecções culturais, sociais e políticas em que é construído o espectro concreto das ‘mulheres’” (BUTLER, 2003, p. 35). Assim como não é possível falar em *mulher* de forma generalizada, tampouco é possível referir-se ao feminismo em termos genéricos.

Em *An introduction to feminism and theatre*, Elaine Aston (citando Dolan) afirma que “o feminismo começa com uma consciência aguda da exclusão do discurso cultural, social, sexual, político e intelectual masculino.” (DOLAN apud ASTON, 1995, p. 8). No entanto, uma vez que os rumos que o feminismo toma para fazer face à dominação masculina são variados, seria mais adequado falar em feminismos, no plural. Neste estudo, ela parte da premissa de que o discurso definidor do feminismo é a sua crítica ao “discurso masculino dominante” e refere-se particularmente à identificação e análise do discurso feminista no teatro, considerando as diferentes vias que o feminismo percorreu nos estudos teatrais.

Ela define três posições feministas dominantes nos contextos britânico e americano: o feminismo burguês ou liberal, que propõe a melhoria da posição da mulher na sociedade sem nenhuma mudança radical nas estruturas políticas ou sociais; o feminismo radical, comprometido com a abolição das estruturas patriarcais que reforçam a desigualdade de gênero (também chamado feminismo cultural); e o feminismo materialista, que critica as condições históricas e materiais de opressão de classe, raça e gênero e propõe transformações radicais nas estruturas sociais (ASTON, 1995).

Ao se referir à produção feminista radical (ou cultural), Aston afirma que esta posição demanda a desconstrução da dominação patriarcal e uma

primazia à posição da mulher, enfatizando a sua criatividade e uma espécie de “contracultura feminista”. Ela cita o Projeto Magdalena como exemplo deste tipo de dinâmica que tem gerado investigações em torno de uma potencial “linguagem feminina” ou de uma estética “dita feminina” (ASTON, 1995, p. 66).

No caso do Projeto Magdalena, a opção pelo termo “rede de mulheres de teatro” (trazendo implicitamente a noção de teatro de mulheres ou feito por mulheres) revela a escolha por um tipo de agrupamento identificado pela prática teatral e pelo desejo de discutir linguagem e experiências estéticas, mais do que pela necessidade de explorar temas específicos ou compartilhar uma visão ideológica.

Quando falamos em rede não nos referimos apenas a um desenho ou uma composição formal diagramada em um espaço plano. O uso do termo rede está amplamente disseminado no mundo contemporâneo. Fala-se em redes de supermercados, lanchonetes e bancos, em rede ferroviária ou elétrica e na própria rede de computadores. A ligação à distância entre dois ou mais elementos estaria na base dessa concepção simplista de rede. “As redes estão em todo lugar”. Trata-se de uma imagem comumente utilizada para “designar ou qualificar sistemas, estruturas ou desenhos organizacionais caracterizados por uma grande quantidade de elementos dispersos espacialmente e que mantêm alguma ligação entre si” (MARTINHO, 2003, p. 8).

No entanto, a grande maioria das estruturas nominadas como redes apresenta uma característica meramente formal, tratando-se, na verdade, de organizações tradicionais, de caráter piramidal, de decisão centralizada, com pouco ou nenhum foco nas interrelações. Quando tudo se torna rede, estruturas convencionais e inovadoras se confundem, parecendo pertencer ao mesmo universo. É preciso então estabelecer distinções para os diversos usos desta nomenclatura.

A disposição em rede não implica necessariamente em uma operação em rede. Mas é preciso operar em rede para existir como tal. Cássio Martinho afirma que a horizontalidade é uma espécie de exigência de um sistema com alto grau de empoderamento dos atores e é também o resultado necessário de um sistema desse tipo. As redes é que dão conta de articular – e de organizar,

com métodos e metas – atores sociais autônomos, diferentes e empoderados, que não admitem subordinação (o fundamento da estrutura hierárquica vertical), mas tão somente cooperação e coordenação (MARTINHO, 2011, p. 6). A rede seria produtora de horizontalidade por natureza, assim como a horizontalidade produziria rede, e isso se dá a partir das dinâmicas de conectividade que estão na base deste conceito.

Uma rede, tecida a partir das intersecções de seus nós visíveis, ganha força e integridade justamente nos pontos onde aparentemente não há nada, nos espaços que se criam entre os pontos de coesão. Martinho salienta as características de plasticidade e dinamismo da rede, cuja configuração seria regida por mecanismos de autorregulação. Também destaca seu poder criador de novas ordens e seu caráter libertador de natureza democrática, aberta e emancipatória. Redes não têm centro, isto é, qualquer ponto da rede é um centro em potencial.

Segundo o filósofo Euclides Mance, a ideia de rede que conecta grupos de um determinado movimento social, neste caso, mulheres praticantes de teatro, é a de que a articulação entre todos os movimentos deste tipo fortaleça cada movimento em particular pelos intercâmbios que passem a ocorrer entre eles e que tal fortalecimento venha a contribuir no surgimento de novos movimentos em outros lugares, passando a atuar em uma área muito maior do que a atingida pelo conjunto dos movimentos já organizados (MANCE, 1999, p. 24). Este é o principal fenômeno que temos testemunhado desde a criação do Vértice em 2008: a proliferação de iniciativas, de espaços que não existiam anteriormente e que são ocupados – e se tornam necessários - à medida que são inventados.

O primeiro encontro e festival Vértice Brasil, realizado em 2008, revelou uma enorme diversidade geográfica, geracional, estética e cultural existente entre as artistas que abraçaram o projeto e deram início à criação de uma rede em solo nacional. Desde então, dezenas de ações envolvendo criação e manutenção de coletivos, organização de eventos, publicações e reflexões sobre a prática teatral a partir da perspectiva de gênero têm brotado ou se

desenvolvido em diferentes regiões do país, inspiradas ou estimuladas pela rede.

Desde 2010, temas têm sido propostos como condutores de cada edição bienal. A ideia de travessia do oceano às avessas (Vértice 2010 – Travessia) permitiu que cofundadoras do Projeto Magdalena, em sua maioria europeias, compartilhassem sua experiência com as novas gerações através de oficinas, espetáculos e palestras realizados ao longo de dez dias, envolvendo participantes de treze países. Em 2012, o desejo de fortalecimento dos vínculos com as Américas gerou uma parceria com o Fundo Iberescena que propiciou um encontro fortemente agregador (Vértice 2012 – T(i)erra Firme), envolvendo artistas de sete países das Américas do Sul, Central e do Norte.

Em 2014, investiu-se em um formato diferenciado, mais voltado para a formação e o aprofundamento da experiência artística, com foco em questões ligadas ao corpo, à voz e ao gênero. O modelo de programação intensa, marcada pela profusão de espetáculos, deu lugar a um movimento mais lento e propício ao encontro. A experiência do Vértice 2014 – em Residência permitiu a emergência de outras possibilidades e deixou vários legados. Talvez o mais importante seja a confiança na capacidade de autorregeneração de um fenômeno baseado em uma estrutura em rede, de caráter horizontal e autorregulada, com ênfase nas interconexões como *modus operandi*. Uma rede só existe na medida em que se estabelecem conexões/relações. Quanto mais conexões são feitas, mais compacta, coerente e orgânica se torna a rede. A potência aqui está no espaço intersticial, no espaço que se cria entre pessoas, nos vínculos que se estabelecem entre elas e permitem a existência e proliferação de práticas alternativas e contra hegemônicas. O Vértice tem apostado nessa via, acreditando que a experiência artística atua como interstício social, como espaço para que as relações humanas encontrem diferentes possibilidades de troca, diluindo fronteiras desnecessárias e reforçando os espaços instáveis, híbridos, vulneráveis como lugares de fertilidade e criação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASTON, Elaine. *An introduction to feminism and theatre*. London and New York: Routledge, 1995.

BASSNETT, Susan. *The politics of location*. In: ASTON, Elaine; REINELT, Janelle. *The Cambridge companion to modern British women playwrights*. Cambridge: Cambridge University press, 2000. Disponível em: <http://universitypublishingonline.org/cambridge/companions/chapter.jsf?bid=CB09780511998973&cid=CBO9780511998973A013>.

BRAIDOTTI, Rosi. *Nuovi soggetti nomadi*. Roma: Luca Sossella Editore, 2002a.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MANCINI, Euclides André. *A revolução das redes*. A colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MARTINHO, Cássio. *Algumas palavras sobre rede*. Disponível em: www.observatoriosocial.org.br/.../Algumas_palavras_sobre_redes.pd... Acesso em: 6 jun. 2011.

MARTINHO, Cássio. *Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização*. Brasília: WWF-Brasil, 2003.

PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno do gênero e feminismo. In: *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

4.2 NASPOLINI, Marisa. Entre mundos e sujeitos: experiências de colaboração e troca no Vértice Brasil. *Subtrópicos*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2014.

Entre mundos e sujeitos: experiências de colaboração e troca no Vértice Brasil

Marisa Napolini³

Vértice Brasil é um projeto criado com a intenção de ser uma versão brasileira do Projeto Magdalena, uma rede dinâmica de mulheres de teatro e *performance*, de caráter multicultural, que surgiu como um espaço de discussão, troca e apoio mútuo visando gerar visibilidade ao trabalho artístico de mulheres, hoje presente em mais de cinquenta países. Desde sua criação, em 1986, no País de Gales, o projeto esteve engajado em fomentar a consciência da contribuição da mulher para o teatro e em apoiar a exploração e a pesquisa através de uma oferta concreta de oportunidades de intercâmbio, agregando praticantes das artes da cena de várias partes do mundo, sejam companhias, artistas individuais ou acadêmicas, que encontram ali um espaço crítico de discussão e reconhecimento do seu trabalho.

Desde a sua fundação, o entrelaçamento com a perspectiva intercultural, através da troca e compartilhamento de práticas e metodologias em encontros, festivais e publicações que estimulam a experiência e a colaboração entre mulheres de diferentes culturas, está ligado a uma ocupação de territórios híbridos e fronteiriços na elaboração de linguagem. A exploração das fronteiras entre teatro, *performance*, dança, música e canto tem sido a tônica de intensos trabalhos colaborativos internacionais nas últimas duas décadas.

O primeiro encontro e festival Vértice Brasil, realizado em 2008, em Florianópolis, revelou uma enorme diversidade geográfica, geracional, estética

³ Marisa Napolini é atriz, pesquisadora e produtora. É doutora em teatro, autora dos livros “Confissões do corpo” e “Somos todos parte da mesma couve” e coordenadora do Vértice Brasil. Integra a equipe do Baobah Novas Formas de Inteligência e assina uma coluna semanal no Diário Catarinense.

e cultural existente entre as artistas que abraçaram o projeto e deram início à criação de uma rede em solo nacional. Desde então, temas têm sido propostos como condutores de cada edição bienal. Em 2010, a proposta de travessia do oceano às avessas permitiu que cofundadoras do Projeto Magdalena, em sua maioria europeias, compartilhassem sua experiência com as novas gerações através de oficinas, espetáculos e palestras realizados ao longo de dez dias, envolvendo participantes de treze países. Em 2012, o desejo de fortalecimento dos vínculos com as Américas gerou uma parceria com o Fundo Iberescena que propiciou um encontro fortemente agregador.

Em 2014, investiu-se em um formato diferenciado, mais voltado para a formação e o aprofundamento da experiência artística. “Vértice em Residência” foi o nome dado ao evento, que recebeu um número maior de participantes ao mesmo tempo em que diminuiu a quantidade de atividades oferecidas. A programação intensa, marcada pela profusão de espetáculos, deu lugar a um movimento mais lento e propício ao encontro. Foram três residências, três viagens ao universo particular das artistas convidadas.

Linda Wise, queniana residente na França e de origem inglesa, fez um mergulho no trabalho vocal, agregando seus interesses técnicos e estéticos ao legado que recebeu do Roy Hart Theatre, referência no contexto europeu do século XX, e conduziu com leveza surpreendente e apaixonante uma experiência quase onírica junto aos atores/cantores sob sua batuta. As atrizes do Lume, grupo de pesquisa teatral de referência no Brasil, sediado em Campinas, propuseram uma varredura nas gavetas e armários, segredos e memórias pessoais, para abordar a casa como ninho, espaço de pertencimento, através do uso intenso da fisicalidade. E a sueca Clara Lee Lundberg, artista multidisciplinar com foco na experimentação performática de gênero, explorou as inúmeras potencialidades do corpo político, desconstruindo noções ligadas ao feminino e ao masculino através de improvisações envolvendo lutas, atuação, vídeo, movimento e dança.

A experiência do Vértice 2014 deixou vários legados. Um deles – e talvez o mais importante – é a confiança na capacidade de autorregeneração de um fenômeno ligado a uma estrutura em rede, de caráter horizontal e

autorregulada, com ênfase nas interconexões como *modus operandi*. Uma rede só existe na medida em que se estabelecem conexões/relações. Quanto mais conexões são feitas, mais compacta, coerente e orgânica se torna a rede. A potência aqui está no espaço intersticial, no espaço que se cria entre pessoas, nos vínculos que se estabelecem entre elas e permitem a existência e proliferação de práticas alternativas e contra hegemônicas. O Vértice tem apostado nessa via, acreditando que a experiência artística atua como interstício social, como espaço para que as relações humanas encontrem diferentes possibilidades de troca, diluindo fronteiras desnecessárias e reforçando os espaços instáveis, híbridos, vulneráveis como lugares de fertilidade e criação.

4.3NASPOLINI, Marisa. Com o coração fora do peito. Crítica teatral sobre o espetáculo Nina, o monstro e o coração perdido. Florianópolis: Diário Catarinense. Anexo, p. 4. 21/10/2014.

Com o coração fora do peito

O que fazer com as emoções quando elas parecem nos invadir de tal forma que nos paralisam? Para onde essa pergunta pode levar se feita por uma criança? A angústia vivida por Nina, uma menina como tantas outras, que quer se livrar de suas alternâncias de humor e altos e baixos emocionais, gera uma jornada em busca de seu próprio coração, que passa a bater fora do peito.

Em “Nina, o monstro e o coração perdido”, espetáculo infantil com texto de Martina Schreiner e direção de Lúcia Bendati, do grupo Clareira de Teatro, de Porto Alegre, apresentado domingo no Teatro Pedro Ivo, dentro da programação do Festival Isnard Azevedo, os atores se desdobram em narradores e diversos personagens, num jogo constante e divertido que se alterna entre narrar e agir, com delicadeza e densidade poética, sem abrir mão do dinamismo, reforçado pelo intenso movimento do cenário e dos objetos de cena, que vão se reposicionando e se transformando no decorrer da história. O uso das diversas escadas para criar os mais variados ambientes e o efeito provocado pelos pinheiros no fundo da cena são alguns exemplos bem sucedidos de respeito à capacidade imaginativa no universo do teatro infantil.

O monstro, amigo de Nina, se desdobra para recuperar a capacidade da menina de viver suas próprias emoções, tentando salvá-la de uma vida tediosa e entediante. Na verdade, busca trazê-la de volta à própria vida visto que, com o coração fora do peito, seus dias estão contados. Nesta jornada heroica quase épica, o monstro atrapalhado se depara com suas incertezas, medos e descobertas. Há alguns momentos durante a viagem que se estendem em demasia e arriscam perder a atenção do público infantil, particularmente dos menores, mas o jogo se restabelece com a entrada em cena do menino, que dá novo gás rumo ao final do espetáculo.

As atuações, pautadas em jogos corporais e na relação com a plateia, merecem atenção constante para que não caiam no exagero nem em uma

interpretação infantilizada, risco que existe – e em alguns momentos é mais evidente, particularmente na figura do monstro – mas é minimizado pelo conjunto da encenação. O elenco, aliás, formado por Alex Limberger, Gustavo Dienstmann e Valquiria Cardoso, se desdobra com competência em outras funções, assinando a coautoria do figurino (Martina Schreiner, Gustavo Dienstmann e Valquiria Cardoso) e do cenário (Martina Schreiner e Alex Limberger). Também cabe chamar a atenção para a iluminação cuidadosa, que valoriza ambientes e atmosferas criados pela bela trilha sonora. O espetáculo encanta e suscita reflexões nos pequenos espectadores, e também nos grandes. Como acontece com Nina, provoca emoções desencontradas em seu público. A ideia de desejar dar uma pausa ao coração se assemelha a pedir um pouco de silêncio ao mundo. Coisa de que andamos todos muito necessitados.



Arte do Campo: Perspectivas Políticas e Desafios

Certificado

Certificamos que Marisa Naspolini
ministrou a oficina intitulada Corpo em movimento

com duração de 4 horas no Seminário *Arte do Campo: Perspectivas Políticas e Desafios*, realizado entre os dias 20 e 23 de agosto de 2014, no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina – CEART/UEDESC.


Marcia Pompéo Nogueira
Coordenadora Geral



Projeto Formação de Professores

O "Projeto Formação de Professores: da Solidariedade à Inclusão" consiste em um plano estratégico do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (Napne) Campus Florianópolis e tem como principal objetivo a formação de professores no tema da Educação Inclusiva, buscando desde a sensibilização para este tema até a articulação dos saberes docentes em prol da inclusão das pessoas com deficiência na Educação Profissional e Tecnológica. Na perspectiva da diversidade, entendemos que pelas diferenças podemos estabelecer uma educação voltada para as diferentes aprendizagens e mais comprometida com o desenvolvimento humano, social e cidadão.

Os direitos humanos somente se efetivam quando contribuem para a inclusão e, principalmente, para o desenvolvimento de todas as pessoas. No contexto das políticas públicas de educação, as ações afirmativas buscam a inclusão dessas diferenças, que se torna eficaz quando: Qualificamos a atividade docente com vistas ao ensino-aprendizagem de pessoas com deficiência; Propiciamos a formação contínua de toda a comunidade acadêmica na área da Educação Inclusiva; Buscamos a inclusão, permanência e conclusão com êxito das instituições educativas; e Contribuímos para uma cultura de Inclusão, Reconhecimento e Convivência com as Diferenças.

Cronograma:

08h – 08h30min. Recepção e credenciamento.

08h30min – 09h30min. Mesa de abertura.

09h30min – 10h. Intervalo/ Coffee Break.

10h - 12h. Conferência principal: "As Perspectivas da Inclusão das Diferenças na Escola", com Romeu Kazumi Sassaki, graduado em serviço social e especializado em aconselhamento de reabilitação.

12h – 13h30min. Intervalo para almoço.

13h30min – 15h30min. Mesa redonda: "As Narrativas de Alunos e Professores sobre a Inclusão na Educação Profissional e Tecnológica".

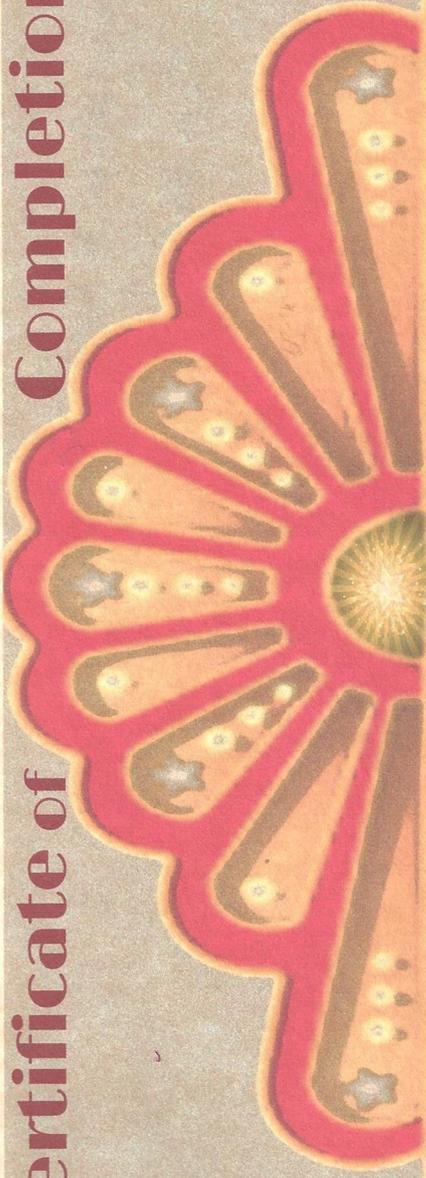
15h30min – 16h. Intervalo/ Coffee Break.

16h – 17h30min. Encerramento: Espetáculo "Convite ao Olhar", Apresentação Cultural da Companhia de Dança Lápis de Seda.

Informações:

Núcleo de Inclusão/Napne, Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Campus Florianópolis.
inclusao.florianopolis@ifsc.edu.br
(48) 3221-0645

Certificate of Completion



**This certificate is awarded to
Marisa Naspolini
For successfully completing
Cinemorphics - Intensive**




Charles Webb - Founder

Sept. 11, 2014
Date

Tiempo De Magdalena Cronograma 2014

ESPECTÁCULOS	PUNTO G CONCIERTO DE CANTAUTORAS (ECUADOR) EL CAFÉ DEL PATIO DE COMEDIAS "LA CREPERIE" Sandra Bonilla y Caye Cayejera 21:00	SALA ZERO NO ZERO CORDELES DEL TIEMPO Mandregora (ECUADOR) 21:00	DEMOSTRACIÓN DE TALLERES Escuela Exploradores de la Danza FDI/CCE lunes 6 y martes 7 9:00 / 12:00
MIÉRCOLES 1	PUNTO G Presentación del libro: PUNTOS DE PARTIDA de Andrea Moreno DEL CAFÉ DEL PATIO DE COMEDIAS "LA CREPERIE" 22:00	CONVERSATORIOS AUDITORIO BENJAMIN CARRIÓN - CCE DEL 2 AL 6 DE OCTUBRE 15:00	PERIFERIAS: ESCENA, SOLEDAD Y REBELDÍA* Ponentes: Cristina Marchán, Cristina Castrillo, Verónica Falconi, Renatriz Pizano
PLAZA DEL TEATRO INAUGURACIÓN CARISHINAS EN BICI MUJERES AL TAMBOR (ECUADOR) MUJER "PERFORMANCIA" Michele Mimick (EQU) 17:30	SÁBADO 4 "TEATRO VARIEDADES" Florencia Delgado/Daniela Marrero (URUGUAY) 19:30	VIERNES 3/ MESA 1: "Periferias: Escena, Soledad y Rebeldía*" Ponentes: Cristina Marchán, Cristina Castrillo, Verónica Falconi, Renatriz Pizano	PERIFERIAS: ESCENA, SOLEDAD Y REBELDÍA* Ponentes: Violeta Lima, Silvia Brito, Juana Estrella, Michele Mimick
TEATRO VARIEDADES EUGRAFIAS Raffaele y Sara Tomaselli (ECUADOR) 19:30	DOMINGO 5 "MARIA NO QUIERE DESPERTAR" Valentina Pacheco (ECUADOR) 21:00	VIERNES 3/ MESA 2: "Periferias: Escena, Soledad y Rebeldía*" Ponentes: Violeta Lima, Silvia Brito, Juana Estrella, Michele Mimick	SABADO 4/ MESA 3: "El Magdalena Project" Ponentes: Julia Varley, Gedy Aniksdal, Jill Greenhalgh
JUEVES 2 INAUGURACIÓN / MEMORIA FOTOGRÁFICA "TRANSITANDO HUELLAS" CENTRO CULTURAL BENJAMIN CARRIÓN JUEVES 2 DE OCTUBRE 17:30	TEATRO VARIEDADES NO HAY DOCTOR PARA LOS MUJERTOS Grenland Fritzeater (NORUEGA) 19:30	JUEVES 9 Y VIERNES 10 CONVIVIO ESCÉNICO Círculos de Magdalena, Espectáculos Teatrales, Cine	LUNES 6/ MESA 4: "Encuentros de Mujeres Creadoras" Ponentes: Patricia Ariza, Susana Nicolalde, Marisa Naapolini
PATIO DE COMEDIAS "EL EVANGELIO SEGUN CLARIN" Teatro de Los Silles (ECUADOR) 21:00	VIERNES 3 TEATRO VARIEDADES LA CANCIÓN DEL SICO MORO Contrabienito (ECUADOR) 19:30	DIÁ 10 / OTAVALO -CENTRO CULTURAL KINTY HUASI "LA VENADITA" Juana Estrella (ECUADOR) 19:00	DEMOSTRACIONES DE TRABAJO SALA MANDRÁGORA -CCE 17H30
TEATRO VARIEDADES EL REFUGIO DE FREIDEL (COLOMBIA-CANADÁ) 21:00	MARTES 7 SALA MARINA DE JESUS AFUNTERAS SOBRE LA Violeta Llana (México) 19:30	TALLERES Del 2 al 5 de Octubre Salas independientes de la CCE "Dramaturgia Escénica desde la Magdalena" MAESTRAS INVITADAS: Patricia Ariza, Nora Gonzales, Julia Varley, Gedy Aniksdal, Cristina Castrillo, Jill Greenhalgh, Michele Mimick, Florencia Delgado y Daniela Marrero.	VIERNES 3/Memoria en Tránsito Karina Cárdenas (Ecuador) 17:30

ORGANIZA Fundación **Mandregora** por la cultura

Del 1 al 20 de octubre de 2014

Tiempo De Magdalena
UNA DÉCADA DE ENCUENTROS CON LA VIDA Y CON EL ARTE
XI ENCUENTRO INTERNACIONAL DE MUJERES EN ESCENA



Tiempo De Magdalena
Versión de 2014

PERIFERIAS: ESCENA, SOLEDAD Y REBELDÍA

IBERESOLIA
facebook.com/mandregora
www.casadeicultura.gob.ec
http://multimediosce.org

CON EL APOYO DE

INSTITUCIONALES

CON EL APOYO DE

COLOMBIA
URUGUAY
BRASIL
ESTADOS UNIDOS
REINO UNIDO
NORUEGA
SUIZA - ARGENTINA
DINAMARCA
ESPAÑA
MÉXICO
ECUADOR

PERIFERIAS: ESCENA, SOLEDAD Y REBELDÍA

IBERESOLIA

facebook.com/mandregora

www.casadeicultura.gob.ec

http://multimediosce.org

CON EL APOYO DE

INSTITUCIONALES

CON EL APOYO DE

COLOMBIA
URUGUAY
BRASIL
ESTADOS UNIDOS
REINO UNIDO
NORUEGA
SUIZA - ARGENTINA
DINAMARCA
ESPAÑA
MÉXICO
ECUADOR

cofundadora de la Casa de la Cultura (1966) - actual Teatro La Candelaria-; fundadora de la Corporación Colombiana de Teatro (1969), Movimiento Cultural con los Sectores Marginados (1995), y además dirige los grupos Rapsoía, Travesía y Flores de Otoño. Ha recibido varios premios por su labor artística y social. Ha dirigido seis ediciones del Festival Nacional de Teatro, ocho del Festival de teatro Alternativo y nueve del Festival Mujeres en Escena.



Nora Gonzales (Bogotá - Colombia) Maestra en Arte Dramático de la Escuela Nacional de Arte Dramático y Especialista en voz

Escénica, de la Universidad Francisco José de Caldas. Ingresó al grupo La Candelaria en 1998 y ha participado en las obras "A Mantales", "A título personal", "Antígona", "Nayra", "El paso", "De caos y deca caos", y "El Quijote". Ha actuado bajo la dirección de Eddy Armando y Ricardo Camacho en el Teatro Libre; Ricardo Sarmiento en la Universidad Nacional de Colombia. Con el grupo Noruz, danza contemporánea, ha trabajado como co-dramaturga junto con Julio Galeano, en la obra "Amor líquido", que ganó la beca de creación de larga trayectoria de danza contemporánea.



Julia Varley (Dinamarca) Actriz, directora, escritora y organizadora

dora nacida en Inglaterra y afincada en Dinamarca. Es actriz del Odin Teatret desde 1976. Además de su intenso trabajo con su grupo, enseña en las escuelas y universidades y ha sintetizado su experiencia en cuatro demostraciones de trabajo. Desde 1990 ha participado en la concepción y organización de la ISTA (Escuela Internacional de Antropología Teatral) y de la Universidad de Teatro Eurasiano. Ha dirigido 11 espectáculos y como escritora ha publicado decenas de artículos en diferentes revistas especializadas y dos libros: Piedras de agua y viento al oeste. Es Co fundadora del Magdalena Project, directora artística del Festival Internacional Transit, en Hostelbro y editora de Open Page una revista dedicada al trabajo de la mujer en el teatro.

PARTICIPACIONES ESPECIALES



Marisa Naspolini de Brasil. Actriz, directora, investigadora, profesora y productora cultural. Marisa mantiene y preside la Cooperativa Aprila

de Arte que desde hace 20 años desarrolla proyectos para la creación y montaje de espectáculos, y creo (junto con otros artistas) en Florianópolis Brasil - el festival internacional de teatro realizado por las mujeres, vinculado al Proyecto Magdalena.

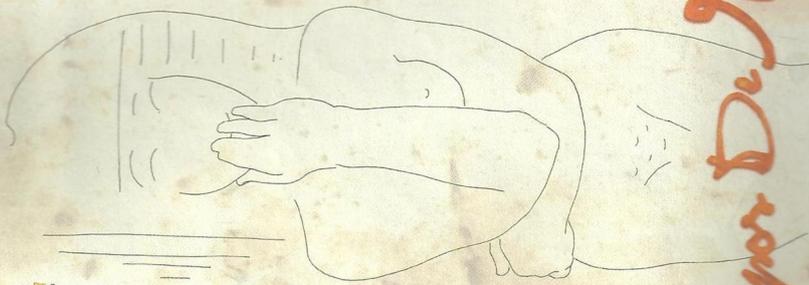
Violeta Luna -Actriz / Artista de Performance / Activista. Su trabajo explora la



Del 1 al 20 de octubre de 2014

Tempor De Jajaj
UNA DÉCADA DE ENCUENTRO
CON LA VIDA Y CON EL ARTE
XI ENCUENTRO
INTERNACIONAL
DE MUJERES
EN ESCENA

PERIFERIAS:
COLOMBIA
URUGUAY
BRASIL
ESTADOS UNIDOS
REINO UNIDO
NORUEGA
SUIZA - ARGENTINA
DINAMARCA
ESPAÑA
MÉXICO
ECUADOR



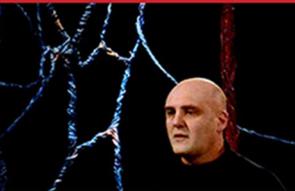
Tempor De Magdalena
VENUS DE 1616
1616-18
1616-18

PERIFERIAS: ESCENA, SOLEDAD Y REBELDÍA

PROGRAMA

IBERESCENA
facebook.com/mandarínora
@tempordemujer
mujeresenescena.es







Teatro Alkmico
apresenta:

Verbi

O IDIOMA DO CAOS

Atuação e concepção:
Luiz Canoa
Direção:
Marisa Napolini
Cenografia e máscaras:
Ramon Noro
Figurino e maquiagem:
Emmanuel Bohrer Jr.
Consultoria dramática:
Jussara Paraná Sanches Figueira
Iluminação:
Mirco Zanini
Trilha e paisagem sonora:
André Rangel, Dimitri Camorlinga e Luiz Canoa
Fotos:
Yéssica Saavedra Seguel
Design gráfico:
Ramon Noro
Assessoria de imprensa:
Luciana Moraes
Produção:
Teatro Alkmico

Verbi é um espetáculo que transita entre as linguagens da dança, da música e do teatro, criando paisagens coreográficas e sonoras que buscam sensibilizar o espectador para uma percepção ligada à sensação de sonho, um lugar "onde todas as línguas, todas as danças, todas as linguagens poderiam ser nossas".

Agradecimentos:
Airton Perrone (Espaço Cultural Simpósio), Analu Ciscato, Cinemorphics, equipe do Baobah Novas Formas de Inteligência, João Tilton, Kaká (Espaço Cultural Manacás), Paloma Bianchi.

Realização:   Patrocínio:   

Florianópolis, outubro de 2014.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO DE APLICAÇÃO
III SEMANA PELA VIDA: SEXUALIDADE
PROGRAMAÇÃO



SEGUNDA-FEIRA, 10/NOVEMBRO		TERÇA-FEIRA, 11/NOVEMBRO		QUARTA-FEIRA 12/NOVEMBRO		QUIN 13/NO	
Adolescência: DSTs e gravidez		Minicursos		Gênero e fobias		Violência,	
13:30	Credenciais	13:30	Coral do Colégio de Aplicação	13:30	Apresentação de flauta do 6º ano B	13:30	Apres
13:40	Apresentação Cultural: Grupo de dança do Colégio de Aplicação	13:50	Minicurso 1	13:50	Mesa-redonda 2: <i>Estudos de gênero</i> Palestrantes:	13:50	M Vio gêner da es
14:00	Mesa de Abertura da III Semana pela Vida	15:00	Minicurso 2	15:00	Perguntas e Respostas	14:50	Del Cent Ad C Peda Gor
14:30	Mesa-redonda 1: <i>Oi, tudo bem?</i> Ginecologista Dra. Inês Gasparini	16:00	Intervalo	15:30	Intervalo	15:30	Interva
15:30	Intervalo						
16:00	Documentário: <i>Meninas: gravidez na adolescência</i> (1h11min) Debatedores: Grupo de Sexualidade da UFSC	16:30	Minicurso 3	16:00	Filme: <i>Tomboy</i> (1h22min) Debatedor: Prof. Dr. Jair Zandoná	16:00	Filme Psicól



IV Seminário
de Pesquisa
em Artes Cênicas
Procedimentos e Dilemas do Trabalho Acadêmico

CERTIFICADO

Certificamos que **MARISA NASPOLINI** participou como mediadora na mesa *Debates de Pesquisa e dilemas do trabalho acadêmico*, realizado entre os dias 12 e 14 de novembro de 2014, no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina – CEART/UDESC.

Florianópolis-SC, 14 de novembro de 2014.



Vicente Concilio

Prof. Vicente Concilio
Diretor de Extensão CEART/UDESC

30 nov.: CRAS na comunidade José Mendes
Responsáveis: CRAS Centro
Local: Deck da Praia do Curitume (Praça do Estacionamento – Borges Lanches), Rua José Maria da Luz: Bairro José Mendes
Horário: 14h às 17h
Contato: (48) 3222-0148 – Livia

1º dez.: Distribuição e Orientação quanto ao uso da camisinha feminina - Dia Mundial de Combate a AIDS
Local: TICEN
Responsáveis: Secretaria Municipal da Saúde – Saúde da Mulher
Horário: 14h às 17h
Contato: (48) 3239-1542 Tatiana ou 3212-3918 - Sílvia

1º dez.: Espetáculo Teatral “Boneca de Pano” seguidamente com diálogo sobre a Violência contra as Mulheres
Responsáveis: (Em) Companhia de Mulheres: Coletivo de Pesquisa teatral Feminista, OAB e NIGS
Local: SESC Prainha - Tv. Syriaco Atherino 100, Florianópolis, SC
Horário: 10h e 15h30min
Contato: Meire Silva – (48) 9117-5436

1º dez.: Palestra sobre Violência Obstétrica
Responsáveis: Violência Obstétrica e Sec. Municipal de Habitação e Saneamento
Local: Queimada e Jagatá – Igreja São Sebastião
Horário: 19h
Contato: Sec. Municipal de Habitação e Saneamento e Violência Obstétrica – (48) 3251-6310

2º dez.: Palestra Violência Contra as Mulheres – Foco Município de Florianópolis
Responsáveis: FUCAS e CREMV
Local: Av. Nvo Silveira, nº 1015
Horários: 19h
Contato: (48) 3248-4118/3248-3261 Juliane

2º dez.: Palestra sobre Violência Obstétrica
Responsáveis: Violência Obstétrica e Sec. Municipal de Habitação e Saneamento
Local: Centro Cultural Escrava Anastácia – Monte Serrat
Horário: 19h
Contato: Sec. Municipal de Habitação e Saneamento e Violência Obstétrica – (48) 3251-6310

3º dez.: Palestra: Sexualidade na Adolescência
Responsáveis: COMPIR
Local: Escola Silveira de Souza
Horário: 18h
Contato: (48) 3251-6224 Maria Odinair

3º dez.: Espetáculo Teatral “Boneca de Pano” seguidamente com diálogo sobre a Violência contra as Mulheres
Responsáveis: (Em) Companhia de Mulheres: Coletivo de Pesquisa teatral Feminista, OAB e NIGS
Local: SESC Prainha - Tv. Syriaco Atherino 100, Florianópolis, SC
Horário: 10h e 15h
Contato: Meire Silva – (48) 9117-5436

4º dez.: Espetáculo Teatral “Boneca de Pano” seguidamente com diálogo sobre a Violência contra as Mulheres
Responsáveis: (Em) Companhia de Mulheres: Coletivo de Pesquisa teatral Feminista, OAB e NIGS
Local: SESC Prainha - Tv. Syriaco Atherino 100, Florianópolis, SC
Horário: 15h e 20h
Contato: Meire Silva – (48) 9117-5436

6 DIAS DE ATIVISMO

FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES EM FLORIANÓPOLIS
6ª edição

de novembro e dezembro

HECA E FAÇA SEUS DIREITOS.
Palestras, caminhadas, leis artísticas e culturais.

COMISSÃO E ATITUDE
LETÍCIA MARIA DA PENHA
A LEI É MAIS FORTE

COMDIM

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS

takyon Sports

pmf.sc.gov.br
a mais.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.